

## **Lutas entre católicos e protestantes por significados da fé religiosa na escritura e oralidade dos folhetos religiosos**

Gilmário Moreira Brito\*<sup>1</sup>- UEFS  
gilmariobrito@uol.com.br

*“A fé é pelo ouvido, e o ouvido, pela palavra de Cristo”<sup>1</sup>.  
“Em verdade, em verdade / vos digo: (...) / minhas palavras são / um decreto que não erra  
/ passarão o céu e a terra / mas elas não passarão”<sup>2</sup>*

Ao trabalharmos folhetos da literatura popular como linguagem constitutiva de grupos orais de restrito acesso aos códigos da norma culta da população nordestina observamos que essa literatura apresenta na sua poesia de seis, sete ou dez estrofes, setesilábicas, decasilábicas, ritmo e rima<sup>3</sup> que, mesmo grafada e impressa, guarda fortes traços da oralidade<sup>4</sup>. Conservando nas escritas formas da fala, as recitações desses folhetos suscitam tanto a memorização quanto a participação do outro que escuta.

Acompanhamos nas linguagens dos folhetos lutas entre católicos e protestantes após o levantamento que realizamos no arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa<sup>5</sup>. Quando decidimos lançar um olhar cuidadoso à pasta organizada com folhetos “religiosos”, chamou nossa atenção na documentação a emergência de livretos abordando temáticas sobre benditos, orações, Padre Cícero, vidas de santos, nascimento / vida / morte de Jesus Cristo, mistérios da missa, visões do paraíso, do juízo final, mais principalmente “juízo de satanás dentro da lei do escrito” e “discussão de católico com protestante” merecendo destaque discussões, pelejas e disputas entre católicos e protestantes por significados da fé religiosa. À medida que líamos seus conteúdos percebemos relações não apenas entre grupos que se davam a ver a partir de linguagens diferenciadas – oral / escrita / visual -, mas também de outros que, buscando conferir maior relevância e veracidade a suas práticas religiosas, tomando como referência diferentes textos bíblicos, registraram contendas e disputas que chegaram até nós através de letras e certamente de imagens e recitações de folhetos de autorias, tempos e espaços variados.

No folheto “Discussão do católico com Protestante”, sem capa, com vinte e seis páginas, utilizando linguagem poética, de sete sílabas e seis versos<sup>6</sup>, encontramos marcas tipográficas de interrogação e diálogos semelhantes a textos escritos em espanhol, cujo nome do autor, Antonio Quintino Filho<sup>7</sup> só aparece na última estrofe e, segundo informações do catálogo da FCRB, datando de 1952, pode ser considerado atípico, isto é, fora do formato característico dos livretos de literatura popular em verso.

---

<sup>1</sup>Professor Adjunto da Área de História DCHF / Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia.

Esse texto poético revela um autor informado, que articula bem o vernáculo, a sintaxe, os conhecimentos da língua portuguesa e da Bíblia, ao utilizar termos como “*mangar*”, “*esbandalhado*”, “*dispautério*”, “*escapulia*” e “*geitoso*” deixa transparecer sua origem nordestina.

Nesse texto vamos tentar situar o processo de construção das narrativas, os sujeitos envolvidos na trama, as discussões, as estratégias de provocação, de enfrentamento, desqualificação pessoal e, principalmente, para quem e de onde estão falando e indicando conselhos ao término da história, bem como situar os rumos que essa discussão tomou em outros estudos e fontes eclesiásticas, buscando perceber de que forma essa mídia contribuiu para a formação de religiosidades populares de orientação cristã no Nordeste Brasileiro.

Antonio Quintino Filho, autor do folheto “*Discussão Do Católico Com O Protestante*”, assume, desde o início, o papel do católico que discute com um determinado protestante. É nessa condição - de católico - que fala a seus leitores e ouvintes, demonstrando um bom conhecimento de português, bem como de textos do Novo e do Velho Testamento. Sendo o próprio narrador do folheto, encarregou-se de expor sua compreensão exegética, ao construir a figura de um debatedor que dialoga com ele em condições de igualdade. Mas é preciso registrar, antes de seguir, que o protestante não é identificado com uma religião específica, não importando que seja, anglicano, puritano, presbiteriano, batista, luterano, evangélico, etc. Ao serem tomados como um único grupo religioso, que possuía a mesma crença e comungava da mesma prática, o autor católico desconsidera diferenças fundamentais e revela sua atitude niveladora dessas religiões.

O texto poético situa o protestante como conhecedor de escrituras sagradas que se encontram em uma ação de proselitismo, através da qual se aproveitava também para vender Bíblia. É na condição de pregador que chega à casa de “*um senhor católico [que] estava, / entretido trabalhando (...) / (...) pediu licença / e na sala foi entrando*”.<sup>8</sup> Nas imagens construídas pelo autor, o proselitismo do protestante realizado no local de trabalho é desaconselhado porque interferiu na atividade produtiva, na concentração do “*católico estava, entretido trabalhando*”, disciplinado no labor e supostamente desprevenido para enfrentar discussão sobre textos religiosos.

É importante considerar que, para além das diferenças de composição do texto Bíblico para os diferentes contendores, a expansão, no berço do catolicismo, de doutrinas e religiões igualmente cristãs, ancoradas numa prática religiosa orientada pela leitura

minuciosa e repetitiva do texto escrito, ou melhor, da escritura sagrada, da qual excluiu “livros” e “evangelhos” que consideravam de autoria duvidosa e, portanto, sem inspiração divina, provocou enorme preocupação à Igreja Católica, que se sentia ameaçada.

No folheto, oferecendo para venda, ao católico, uma Bíblia, por um preço que considera acessível, nota-se que ambos sintomaticamente reconhecem o valor de escritos sagrados e simbólicos presentes no texto bíblico. Contudo, a imediata reação do católico sugere que suas concepções são diferentes. Respalado em conhecimento antecipado e preconcebido, afirma que sua *“Bíblia protestante é decepada, está faltando um pedaço.”*<sup>9</sup> Decepada é a expressão utilizada pelo católico para se referir à exclusão dos sete livros: *“Baruc”, “dois de Macabeus”, “Judite”, “Tobias”, “Eclesiásticos” e “Sabedoria”.*<sup>10</sup>

Porém, antes de enfrentarmos esse exercício de interpretação, é necessário esclarecer que a Igreja Católica já se preocupava com o processo de produção, circulação e pregação de textos e mensagens religiosos, na Bahia que seguiam orientação de protestantes desde o meado do XIX. Não foi por acaso que os padres Franciscanos, da Bahia, apressaram-se em traduzir para o vernáculo português dois tomos da Bíblia, acompanhando decisão da Comissão Pontifícia *de Rebíblia*, conferindo as proposições sobre a sagrada escritura estabelecida pelo decreto *“Lamenta bili exitu”.*<sup>11</sup>

Avaliado e aprovado por todo Episcopado Brasileiro das primeiras décadas do século XX,<sup>12</sup> esse texto bíblico recebeu recomendação de D. Jeronymo Tomé da Silva - Arcebispo Metropolitano de Salvador da Bahia e Primaz do Brasil -, que, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,<sup>13</sup> recomendava muito essa tradução a todos os diocesanos, especialmente aos membros dos institutos católicos, colégios e casas de educação.<sup>14</sup>

Mais importante que as recomendações do arcebispo quanto ao destino da mensagem religiosa, elaborada pelos Franciscanos, são as notas organizadas pelo tradutor e revisor do texto para o vernáculo português, Mons. Dr. José Basílio Pereira, como podemos observar em sua própria escrita,

*“Procurei... escrupulosamente... proporcionar aos católicos brasileiros uma edição da Bíblia na língua vernácula... [para]... opor as truncadas e falsas edições que o protestantismo propaga profusamente no país. Uma [bíblia] que oferecesse o texto verdadeiro e integral e esclarecesse, conforme preserva a Igreja... servindo para indicar o verdadeiro sentido... para o caso de uma discussão com os adversários,... e combater ao ensino e a propaganda protestante e a refutação da exegese racionalista e dos erros do modernismo a edição franciscana, até o presente é em língua portuguesa a de maior fôlego e alcance...”.*<sup>15</sup> (Sic.)

Como se pode depreender da apresentação feita pelo padre Dr. Basílio Pereira, no texto do Novo Testamento, havia uma preocupação do Episcopado brasileiro, especialmente do arcebispado de Salvador e da Bahia, com a produção, circulação e pregação de mensagens “*truncadas e falsas edições*” dos textos religiosos, por agentes de Igrejas cristãs às quais denominava, genericamente, de protestantes. Essa exposição, já de início, é reveladora de ameaças pressentidas pela Igreja Católica que, avaliando as dificuldades de acesso a textos bíblicos, por parte de contingentes de seguidores, e temerosos da expansão da propaganda protestante, reagiu orientando a elaboração de uma Bíblia referenciada na vulgata latina bastante conhecida em Portugal.

Essa atitude da Igreja Católica em publicar uma Bíblia na Bahia não é despropositada. A dissertação “*A missão batista independente*”<sup>16</sup> indica que a primeira Igreja Batista brasileira fora instalada na Bahia em 1882. Além disso, sua autora sugere que a principal estratégia utilizada pelos batistas para propagar sua doutrina, enfrentar e “*combater a religião majoritária*” estava assentada na abordagem pessoal, nos cultos dominicais e principalmente na distribuição de folhetos a população de Salvador. A esse respeito são importantes as considerações de Raymond Cantel, para quem “*os protestantes, em particular os batistas, estão se esforçando para penetrar no Brasil*”. A propaganda por alto-falantes em praças públicas é algo corrente, como a oferta ou venda de brochuras ou livros religiosos.<sup>17</sup>

Mas é preciso ir além das primeiras evidências textuais. A Igreja Católica exercitava uma prática religiosa que primava pela ortodoxia. Seguindo determinações dos Concílios de Trento e Vaticano II,<sup>18</sup> realizava quase todas as cerimônias, ministrava sacramentos e princípios religiosos em Latim, uma língua conhecida apenas por uma minoria absoluta da sociedade brasileira. Isso significa que os principais interlocutores da Igreja no Brasil, nas primeiras décadas do século, eram sujeitos de profundo conhecimento das letras. Aliás, essas posturas da Igreja e de padres não passaram despercebidas de autores como Antonio Quintino Filho, no folheto “Discussão do católico com o protestante” e de Severino Borges da Silva em “Discussão de um católico com um protestante” que atribuindo versos a provocações de protestantes registraram respectivos estranhamentos,

*“Os senhores crêem em Deus, /Em dógmas, na tradição/Assistem missa em **latim**,  
Depois vão a **procissão** /E dizem que cristo está /Numa rodela de pão”(sic).<sup>19</sup>*

*“P - Outro **defeito** que acho/ na doutrina de vocês/é padre **não dizer**/ missa em português/ diz em **latim pra ninguém/ saber o que êle fez**”.<sup>20</sup> (sic)*

Para além de notar preceitos religiosos baseados em *tradições*, na comunhão, nos rituais da *missa* e da *procissão* o primeiro, Quintino Filho, observa atuação de católicos que “*assistem missa em latim*”, como espectadores atentos a percepções corporais. De outro modo, Borges visualiza a elocução do sacerdote como *defeito* já que, dizendo a *missa em latim*, uma língua estrangeira, atribui a essa cerimônia, tanto um sentido de celebração privada de uma hierarquia eclesiástica, quanto restringia sua compreensão a grupos letrados, que detêm o conhecimento de latim. Mais do que isso, respaldado nas indagações do protestante, Borges percebe que o “*padre não diz / missa em português/ ... pra ninguém/ saber o que ele fez*”, expondo a intenção da Igreja em limitar acesso ao conhecimento exegético para ampliar seu poder e controle sobre seus fiéis.

Para maioria esmagadora de fiéis católicos, da sociedade brasileira, que tinha acesso restrito a práticas de leitura, a celebração de sacramentos, mandamentos e principalmente de cerimônias públicas como procissões e missas, eram verdadeiros espetáculos cênicos percebidos mais por linguagens que articulavam relações simbólicas e performáticas do que pelo conhecimento do vernáculo da língua escrita e falada pela Igreja Católica.

Na outra face dessa moeda, importa notar que dificuldades quanto ao domínio de vernáculos, não se restringiam apenas a sujeitos de restrito acesso a norma culta, mas também a muitos religiosos que apresentavam restrições ao conhecimento da língua portuguesa, como podemos observar nas palavras do tradutor Pe. José Basílio Pereira que foi “*incumbido pelos... padres Franciscanos da Bahia, da versão e dos comentários... por não estarem ainda esses dignos religiosos bastante versados na língua portuguesa*”.<sup>21</sup>

Atenta ao perfil do público leitor de seus escritos, mesmo percebendo dificuldades e limites para atingir expressivos segmentos letrados, a Igreja Católica, temerosa ante a expansão e divulgação do “*ensino e propaganda protestantes de... exegese racionalista*”, que se espalhava através de uma Bíblia cristã, buscou combater esses ensino e propaganda com a mesma arma: a edição de texto sagrado. Pressentindo ameaças em sua base de doutrinação, os Franciscanos reagiram com a tradução de um texto do Novo Testamento que, embora adicionado por “*comentários de santos padres e estudos bíblicos de teólogos antigos e modernos*”, desejavam, acima de tudo, proporcionar ao público leitor de seus seguidores, além do reforço à “*fidelidade*” dos textos sagrados, “*clareza*” para orientar suas leituras. Foi com esse propósito que aportaram ao referido texto notas explicativas quanto a “*versões*” existentes para facilitar a compreensão e

servir de instrumento que municiasse contingentes de católicos para “o verdadeiro sentido... de uma discussão com os adversários”.<sup>22</sup>

Mas voltando a disputas em textos religiosos evidenciados no folheto “*Discussão do Católico com o protestante*”,<sup>23</sup> acompanhamos, detalhadamente, pequenas imagens que possibilitaram visualizar que significados foram atribuídos a ação do protestante que “*puxou uma Bíblia / poz-se logo a desfolhar*”. Essa atitude, “puxar uma bíblia”, guarda larga relação de semelhança à expressão “puxar uma arma”, amplamente utilizada em muitos lugares do interior nordestino, que é considerada pelo autor como enfrentamento, indo mais longe ao construir em seguida “*pôs-se logo a desfolhar*”. Desfolhar pode significar tanto o termo mais próximo, arrancar as folhas, quanto “desembainhar”<sup>24</sup> isto é, tirar da bainha o facão, gesto que também assume conotação de luta. Nesse sentido, vai construindo, sutilmente, imagens que relacionam o livro da Bíblia que guarda escritos sagrados e o facão - ferramenta de trabalho cotidiano da zona rural nordestina -, como armas que, simbolicamente, ampliam sentidos que a discussão entre católico e protestante assume enquanto luta cultural religiosa.

Luta cultural religiosa que ganha sentido de *vingança* no folheto “*Discussão de Manoel Camilo dos Santos com um protestante*”, de sua própria autoria. Camilo conduz a narrativa do folheto discutindo com o protestante “o Sr. José Cavalcanti”, que se apresenta na condição de antigo contendor que retoma a iniciativa do enfrentamento, “*Seu Camilo é hoje o dia / de eu vingar o passado / prá lhe vencer em porfia*”. Dando a ver-se como alguém que sofrera uma derrota pretérita em debate público “*quando eu nada sabia / você convenceu a mim / mas hoje não é assim*” e depois desse acontecido preparou a batalha da desforra armando-se de conhecimento e manuseio do arsenal de textos da *bíblia*, respaldado em fundamentos da “*classe de crente*” e tornando-se “... *na bíblia (...) competente / do começo até o fim*”<sup>25</sup> voltou desafiando o adversário para “*vingar o passado*”. Essa atitude “*de eu vingar o passado*” revela proximidade a lutas desencadeadas entre famílias no interior nordestino por prerrogativas e defesa da honra que assume, principalmente, conotações política, moral e sexual. Porém, ciente de suas armas, o protestante quer enfrentar opositor “*prá lhe vencer em porfia*”, polemizando os argumentos de textos e princípios religiosos apresentados pelo autor católico, aspirando no início da narrativa vencer essa disputa e apresentar a primazia de significados de sua opção religiosa.

É importante notar que, apesar dessas discussões serem conduzidas tomando como referência textos bíblicos, sem dúvida elas avançam em direção às práticas e

atitudes religiosas, concepção e aceitação de dogmas, assumindo os contendedores posições de provocação, defesa e ataque, buscando cada um, à sua maneira, desqualificar a religião do outro e valorizar a sua. Em outro folheto, apresentando em sua capa além de bela xilogravura, preço, nome do autor cujo título, *“Discussão de um católico com um protestante”*, semelhante a outros livretos parece ter sido colocado a propósito de despertar maior interesse do público leitor, já que, inicia o texto poético com o título, *“Discussão de um **crente** ‘com um católico’”*, situando, já de início, o crente como promotor desse embate. De autoria de Severino Borges Silva, <sup>26</sup> conhecido entre os poetas pela forma como assina seu acróstico **Borges**, apresentando seus versos ao,

*“Bom leitor ti apresento/ /uma discussão pezada / de um crente com um católico/  
que vi em Serra Talhada/ baseada nos capítulos /da Escritura Sagrada”*

*“Estava o católico **ouvindo** / de um **Frade a Santa Missão** / quando o crente  
passou perto / e disse: os bêstas já estão / **ouvindo** o burro falar / na **falsa**  
religião”.<sup>27</sup> (sic.)*

Em princípio, a postura de Severino Borges difere daquela tomada pelos demais poetas que versaram sobre essa temática. Não é o sujeito da disputa, mas o narrador de *“uma discussão pesada” / “que [viu] em Serra Talhada”*, percebendo-a através do sentido da visão e muito provavelmente da audição e de gestos. Ao caracterizar, esse embate *“de um **crente** com um católico”*, situa o primeiro como provocador e agente que desencadeia disputa por verdades, significados e práticas religiosas *“baseada nos capítulos / da Escritura Sagrada”*.

Mais importante do que registrar a posição de Borges ante a mais uma disputa é perceber a recorrência que faz a ações religiosas desenvolvidas por missionários vinculados as instituições católicas que percorreram, em várias ocasiões, múltiplos espaços no interior do sertão nordestino. Denominadas de *Santas Missões*, empreendidas por missionários da Ordem dos Frades Menores, notadamente, os Capuchinhos franceses vindos de Pernambuco desde o século XVII percorreram a região do São Francisco e os italianos que saíram da prefeitura da Bahia a partir o século XVII, concentram suas atividades religiosas no sertão nos séculos XIX e XX, promovendo ações missionárias em inúmeras aldeias, povoados, distritos, vilas e pequenas cidades do interior nordestino, chegando nos versos desse autor, ao atual município de *“Serra Talhada”* situada no sertão pernambucano.

Ao evocar, através de sua poesia, as *Santas Missões*, Borges ilumina aspectos importantes do processo de construção de memórias, transmissão de mensagens religiosas, referências fundamentais à construção de cultura religiosa popular oralmente

transmitida no sertão nordestino que guarda forte relação com tradições católicas. A esse respeito são importantes os estudos realizados por Pietro Regni sobre atuação das “Santas Missões” no interior da Bahia que se revestiram como acontecimentos de grande relevância para a população<sup>28</sup>. Recorrendo ao Relatório Provincial de 1905, o autor Frei Venâncio de Ferrara nos informa que os dias de missão eram de festa e alegria, muitos se deslocavam de 5 a 20 léguas para ouvirem a palavra do Senhor, escutando em profundo silêncio como se fosse uma só pessoa.<sup>29</sup>

Pode-se depreender dessas considerações que significado emocional de “*ouvir a Santa Missão*”, mensagens evangélicas recitadas em praças públicas, pregações feitas por leigos e veiculadas em lugares distanciados através das articulações de várias linguagens presentes nos folhetos contribuíram de forma material, física, simbólica e doutrinal para desenvolver percepções e construir práticas religiosas que, se guardam referências de tradições católicas apresentam outros sentidos e significados de modos de ser e viver de grupos do interior do Nordeste brasileiro.

---

#### Notas

<sup>11</sup> São Paulo, Epístola aos Romanos, 10: 23. *A Bíblia Sagrada*: São Paulo: Paulinas, 1981 p. 1366. Cf. Cascudo, Luís da C. *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1949/ 1984, p. 23.

<sup>2</sup> Santos. Manoel C. “*Discussão de Manoel Camilo com um protestante*”. p. 10. Nessa citação o autor refere-se a São João, 6:13. Acervo da F. C. R. B. (Coleção Religiosos) fol. nº 637. Rio de Janeiro, s/d, s/l.

<sup>3</sup> Proença, Manoel C. *Literatura popular em verso (literatura)*. Rio de Janeiro: F.C.R.B, 1985, p.33. Para esse autor a rima presta importante serviço à poesia informando certas pronúncias, terminadas em anhe.

<sup>4</sup> pesquisas realizadas por Abreu, Márcia. “*Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos*”. ELO – Estudos de literatura Oral, nº 3, 1997, Centro de Estudos de Algarve, 255 p. Campus de Gambador, Faro: Portugal; “*Literatura de Folhetos Nordeste: Uma alternativa para a alfabetização*”. In: Anais do I Congresso Luso - Brasileiro, Lisboa, 23 a 26/10/96 e *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999 – (Histórias de Leitura).

<sup>5</sup> Encontramos folhetos esparsos que tratam dessa temática em vários arquivos e acervos. Contudo, optamos trabalhar nesse texto com o acervo da FCRB, porque além da organização e classificação, tivemos acesso aos mais antigos folhetos do Nordeste que tratam da temática religiosa.

<sup>6</sup> Segundo *Literatura Popular em Versos. Catálogo* (tomo I) Rio de Janeiro: MEC/ CRB. p. 314.

<sup>7</sup> Almeida, Átila e Sobrinho, J.A. *Dicionário bio - bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. Ed. Universitária, João Pessoa. Nos informa que Antonio Quintino Filho é poeta popular e talvez tenha nascido em Currais Novos, Rio Grande do Norte. Além desse escreveu outro folheto “*santa Maria Goretti*”, 10pp.

<sup>8</sup> Quintino Filho, Antonio. “*Discussão do Católico com o protestante*”, s/l, 1952, p. 1.

<sup>9</sup> Quintino Filho, Antonio. “*Discussão do Católico com o protestante*”, s/l, 1952.

<sup>10</sup> Quintino Filho, Antonio. Op. cit., p 2.

<sup>11</sup> *Novo Testamento. Epístolas dos Apóstolos e Apocalipse*. (Tradução portuguesa segundo a vulgata Latina) com anotações extraídas dos SS. Padres e teólogos eminentes, antigos, modernos e referências às decisões da comissão Pontifícia de REBIBLIA e as preocupações sobre a sagrada escritura condenada pelo decreto “*LAMMENTA BILI SANE EXITU*”. Traduzido Mons. Dr. Pe. José Basílio Pereira. Bahia: Editores - Os religiosos Franciscanos, Typografia de S. Francisco, 1912 (Aprovação eclesiástica dos Superiores da Ordem).

<sup>12</sup> Cf. Novo Testamento, Esse texto foi aprovado seguindo recomendações e aprovações de vários bispos do Brasil.

---

<sup>13</sup> Dava “aprovação à tradução portuguesa do Novo Testamento de que são editores os Reverendíssimos Religiosos desta capital... a par da pureza da linguagem, se encontram, em copiosas notas, claros e sábios comentários do texto sagrado.” p. 3.

<sup>14</sup> Jeronymo, Arcebispo da Bahia. Cidade do São Salvador da Bahia aos 22 de fevereiro de 1912. Cf. Novo Testamento, p. 9.

<sup>15</sup> D. Jeronymo, Arcebispo da Bahia. op. cit. p 2. Novo Testamento, p. 9.

<sup>16</sup> Silva, Elizete da. “A missão batista independente - uma alternativa” - Salvador: M.C.S. / UFBA, 1982. (fotocopiado) p. 80.

<sup>17</sup> Cantel, Raymond. *Querelas entre protestantes e católicos na literatura popular do Nordeste brasileiro*. (Trad. Koshiyama, Alice Mitika). São Paulo: USP/ ECA, 1985, pp. 68 a 74.

<sup>18</sup> Torres-Londõno, Fernando. (org.) *Paróquia e comunidade no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 5 a 19. Segundo o autor, a centralização, a verticalidade e a territorialidade constituíram os traços mais claros do modelo de atuação da Igreja Católica, de modo particular da paróquia, definido em Trento que foi transferido ao Brasil há mais de quatro séculos, apesar de ajustes nos séculos XVIII, XIX e XX por ocasião do Vaticano II. Além disso, é importante assinalar que nas duas primeiras décadas do Séc. XX a Igreja Católica vivia em intenso recrudescimento, buscando reafirmar o modelo de catolicismo definido pelo Concílio Vaticano II.

<sup>19</sup> Quintino Filho, Antonio. “Discussão do Católico com o protestante”, s/l, 1952, p. 7.

<sup>20</sup> Silva, Severino Borges. “Discussão de um católico com um protestante”. Rio de Janeiro: FCRB, s/d, p. 11.

<sup>21</sup> *Novo Testamento*, Cf. Prólogo da tradução do Mons. Dr. Pe. José Basílio Pereira. op. cit., p 9

<sup>22</sup> *Novo Testamento*, Cf. Prólogo da tradução do Mons. Dr. Pe. José Basílio Pereira. op. cit., p 8

<sup>23</sup> Quintino Filho, Antonio. “Discussão do Católico com o protestante”, s/l, 1952.

<sup>24</sup> Segundo Aurélio Buarque H. Ferreira, desfolhar significa tirar as folhas, despetalar, desembainhar (facão).

<sup>25</sup> Santos, Manoel Camilo dos. “Discussão de Manoel Camilo dos Santos com um protestante”. op. cit. p. 1. Esse folheto é constituído por versos de dez pés e decassilábicos, também conhecido entre os poetas com “martelo agalopado”. O poeta e impressor Manoel Camilo nasceu em 1905, em Guarabira na Paraíba, posteriormente mudou-se para Campina Grande, onde tornou-se proprietário da tipografia a Estrela da Poesia. Dos 17 livretos catalogados, três tratam de temáticas religiosas. Proença, Manoel C. *Literatura Popular em Verso: antologia*. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: EDUSP / Rio de Janeiro: FCRB, 1986, p. 578.

<sup>26</sup> Severino Borges da Silva nasceu em Aliança, Pernambuco em 1919, cantador e poeta popular, que utiliza o acróstico de **Borges**. Começou a escrever em 1936, publicou seu primeiro folheto pela “Folha de Itabaiana”, na Paraíba. Recebeu da viúva do amigo Luiz Gomes Lumerque, - ‘poeta, astrólogo, muito lido e instruído’ -, quando esse morreu 1959, seus livros e originais inéditos. Como resultado dessa doação, Severino publicou mais de 100 folhetos. Almeida, Átila A de F. e Sobrinho, José Alves. *Dicionário bio - bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. João Pessoa: Ed. Universitária / Campina Grande: C. de Ciência e Tecnologia, 1978, pp. 285 a 287.

<sup>27</sup> Silva, Severino Borges da “A discussão de um católico em um protestante”, s/d, s/l, p. 1.

<sup>28</sup> Brito, Gilmário Moreira. *Pau de Colher na letra e na voz*. São Paulo: EDUC, 1999, p. 216.

<sup>29</sup> Ferrara, fr. Venâncio de. Relatório ao Provincial a 8 de julho de 1905. ACA. Cf. REGNI, Pietro Vittorino. *Os Capuchinhos na Bahia*. v 3/1 Da Prefeitura à Custódia, (1892-1937). p. 247 “Os dias de missão são dias de grande festa e alegria. Muitos vêm de longe, de 5, 10, 20 e mais léguas, pelo prazer que têm de ouvir a palavra do Senhor (...) às vezes mais de quinze mil pessoas escutam em profundo silêncio, como se fosse uma só pessoa... e ali permanecem em grupos os homens separados das mulheres, até o fim da missão. E no meio de tantas centenas de pessoas de toda qualidade e sexo, é coisa rara que aconteça alguma desordem”.